



O CORDEL EM SALA DE AULA COMO SUBSÍDIO DIDÁTICO DE APRIMORAMENTO DA ORALIDADE DOS ALUNOS

Natan Severo de Sousa (1); Orlando da Silva Neto (2); Juliana Fernanda Vieira Souza (3).

(1) *Universidade Estadual da Paraíba, natansb.letas@gmail.com;*
(2) *Universidade Estadual da Paraíba, silva.orlando47@hotmail.com.*
(3) *Universidade Estadual da Paraíba, julianafvs1@gmail.com.*

Resumo:

Tendo a escola como espaço no qual os alunos podem ter acesso ao ensino e desenvolverem, entre outras habilidades, suas competências de leitura, se faz necessário repensar as práticas educativas e estratégias de ensino de modo a contribuir com o aprendizado dos educandos. Percebe-se que há uma carência de trabalho com a oralidade nas aulas, por se deterem mais à escrita. Partindo disso, o presente trabalho tem como objetivo discutir e apresentar como proposta didático-pedagógica a utilização da literatura de cordel como meio de aprimoramento da oralidade dos alunos. Realizou-se uma pesquisa teórica embasada sobretudo em Alves (2013), Araújo (1965), Bosi (2003), Dufrenne (1969), Pinheiro (2007) e Zumthor (1993). Entendendo a importância da comunicação verbal para os sujeitos na sociedade, acreditamos que o cordel é uma das possibilidades que permitem aprimorar esse tipo de trabalho em sala de aula, por ser uma literatura que favorece a leitura audível, já que se originou da oralidade, através dos versos cantados ou recitados.

Palavras-chave: Cordel, oralidade, ensino.





VII ENLIJE

INTRODUÇÃO

Tendo a escola como sendo um ambiente no qual os alunos podem ter acesso ao ensino e desenvolverem, entre outras habilidades, suas competências de leitura e produção de textos na construção de enunciados, se faz necessária uma reflexão que nos leva a analisar as atuais práticas educativas e estratégias de ensino, tidas como tradicionais e defasadas, de modo a favorecer uma proposta didático-pedagógica que possa contribuir significativamente no aprendizado dos educandos, o que acreditamos ser possível através de uma educação produtiva e eficiente.

Diante dessa problemática em relação às práticas tidas como tradicionais, podemos dizer que existe uma carência de trabalhos direcionados especificamente ao trato da oralidade nas aulas, que por se deterem muito à escrita, acabam por não proporcionar tanto espaço à oralidade, resultando em uma insuficiência no desenvolvimento de competências orais nos alunos.

É notório que esses alunos, quando estão diante de uma situação em que precisam se expressar através da fala de maneira pública – inclusive no espaço da sala de aula: apresentando um seminário, participando de um debate, discussão em sala, entre outros gêneros textuais orais, manifestam as insuficiências que acabam por lhes causar até mesmo o constrangimento provocado pela ansiedade e timidez do falar em público.

Tendo isso como base, é preciso que se busque estratégias que visem aprimorar a oralidade dos alunos. Acreditamos no poder transformador do trabalho com a literatura em sala de aula, sendo esta uma ferramenta produtiva no ensino, combinada a uma proposta inclusiva e educativa. A literatura de cordel é uma das possibilidades que permite esse tipo de trabalho, por ser uma literatura que favorece a leitura audível, já que se originou oralmente, através dos versos cantados ou recitados.

Diante desses pressupostos, o presente trabalho tem o objetivo de apresentar a proposta didático-pedagógica do uso da literatura de cordel como meio de aprimoramento da oralidade dos alunos, pois acreditamos que a utilização do cordel proporciona uma abertura que possibilita aos educandos uma interação mediada pelo texto, à medida em que são lidos e/ou recitados.

METODOLOGIA





VII ENLIJE

Acreditando na literatura como instrumento pedagógico de humanização no processo de ensino e aprendizagem, este trabalho tem a proposta de explorar o trabalho com a literatura de cordel na sala de aula, com a finalidade de desenvolver a competência oral dos educandos. O trabalho envolve discussões teóricas que estão embasadas em Alves (2013), Araújo (1965), Bosi (2003), Dufrenne (1969), Pinheiro (2007) e Zumthor (1993). Veremos a importância de tratar deste tema ao considerar o uso de um gênero literário como o cordel, o qual é uma manifestação literária tradicional da cultura popular nordestina. Sugerimos a exposição do cordel nas aulas de Língua Portuguesa, assim como incentivamos a leitura coletiva de folhetos de cordel na sala, estimulando-os a lerem em voz alta, contribuindo para o desenvolvimento de sua oralidade.

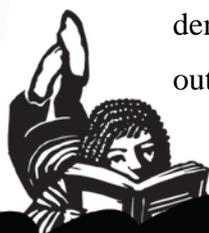
A LINGUAGEM ORAL NO CONTEXTO ESCOLAR

A linguagem é um lugar de interação, um elemento fundamental e essencial para os seres humanos, pois através dela é possível comunicar e representar por meio de símbolos verbais nossas vivências e experiências. Araújo (1965, p. 11), nos diz que “o homem está na permanente dependência dos símbolos verbais e, por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é elemento essencial à sua perfeita realização na sociedade em que vive”.

Partindo disso, podemos entender que quanto mais desenvolvida a linguagem do indivíduo, mais realização ou participação ele terá no meio onde ele está inserido como sujeito social. Por isso, o desenvolvimento da linguagem é de considerável importância, pois este lhe possibilitará uma representatividade maior, à medida que sua comunicação e interação na sociedade é frequente e proficiente.

A escola como espaço social também precisa desenvolver meios para promover o aprimoramento das competências linguísticas dos alunos, pois ela tem também a missão de educar e formar sujeitos que possam ascender socialmente e intelectualmente. Todavia, é perceptível que grande parte delas, mais especificamente dentro do contexto das aulas de língua materna, não ofereçam isso. Pinheiro (2007, p. 21), diz que “Nem sempre se oferecem textos que possibilitem além do mirar-se naquela experiência simbólica, um alargamento de visão do que está sendo vivido, uma descoberta de outras possibilidades de vivência afetiva.”

Essa carência de um trabalho que vise inserir o aluno em sua realidade vivida, isto é, dentro de seu espaço sociocultural, é sentida também quando há a carência na exploração de outros métodos de ensino, na falta de diversidade didática que possibilite uma amplitude de





VII ENLIJE

conhecimentos diversos, através de diferentes textos, em suas diversas formas e gêneros. É recorrente o uso da escrita na sala de aula sobrepujar o trabalho com a oralidade, por esta ser tida como usual e corriqueira. Entretanto, é preciso que se entenda a importância da oralidade, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

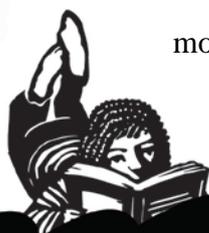
Reconhecemos que o trabalho com a escrita é importante, porém nos detemos aqui à necessidade que existe de se desenvolver as competências orais dos discentes, a qual se evidencia pelas dificuldades que se constata nos alunos em relação à oralidade, quando estão diante de situações em que precisam se utilizar da linguagem falada. Segundo Pinheiro (2007, p.34), “Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realização objetiva”. No entanto, sem o aprimoramento que possibilite a leitura, não há essa realização.

Em geral, muitos dos gêneros trabalhados em sala de aula não primam pelo desenvolvimento da oralidade dos alunos. Na prática, o gênero oral “seminário”, em muitos casos, por exemplo, acaba por ser entendido pelos alunos como a ação de simplesmente ir à frente e decodificar um slide ou um rascunho de papel, quando deveria ser a de discutir um conteúdo, interagindo com a turma.

A poesia, sendo entendida também como instrumento de desenvolvimento oral cumpre esse papel, por envolver intimamente o sentimento de quem dela participa. Logo, desempenha uma função social, corroborando ao que diz Pinheiro (2007, p.23): “A função social da poesia, [...] não é mensurável dentre modelos esquemáticos. Trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor.”. Diante disso, portanto, constatamos a importância de um trabalho que insira a poesia na sala de aula.

O USO DO CORDEL

A poesia trabalhada com o objetivo de aprimorar a oralidade é bastante propícia, pois ela é intrínseca à oralidade, desde suas origens. Essa percepção histórica da origem oral do texto poético é fundamental para entendermos seu conteúdo de maneira mais primitiva. Zumthor (1993, p. 35) diz que “Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, [...]”. O texto, especificamente o poético, seria a expressão – em algum momento transcrita, de sua oralidade primitiva.





VII ENLIJE

Através desse reconhecimento da origem oral da poesia, estabelecemos um paralelo ao uso do cordel como gênero literário que carrega consigo uma forte ligação com a oralidade. Por sua característica popular, parte dos folhetos de cordel que conhecemos são transcrições da exposição oral realizada por seus autores, muitos destes sem escolaridade, que, contudo, transmitiram esse legado poético, utilizando-se da oralidade como instrumento. Alves (2013, p.39) descreve a maneira como o cordel era estimado em tempos passados:

A literatura de cordel, no contexto dos primeiros cinquenta anos do século XX, foi apreciada em sua quase totalidade oralmente por pessoas simples, totalmente analfabetas ou, no mínimo, com baixo nível de escolaridade. Os folhetos eram normalmente cantados ou recitados em pequenas comunidades de leitores nos mais diversos pontos da região – feiras, fazendas, casas de moradores, farinhadas, encontros no ambiente de trabalho, como roçados etc.

Pode-se perceber a presença da oralidade nessas apreciações do cordel, onde a voz aparece como principal meio de interação: “Mesmo escritos, os folhetos tinham uma recepção marcada pela voz e, muitas vezes nos espaços de venda, sobretudo nas feiras, através da apresentação ao vivo do vendedor.” (ALVES, 2013, p.39). Diante das transcrições dos folhetos, a oralidade ainda permanecia sendo o meio que promovia a divulgação e dava um poder de atuação ao cordelista.

É evidente que a exposição oral, dependendo do modo como for apresentada, tem uma particularidade, a depender de quem a expõe e da forma que o faz. “[...] Todo texto permanece nisso incomparável e exige uma escuta singular: comporta seus próprios *índices de oralidade*, de nitidez variável e, às vezes, [...] nula.” (ZUMTHOR, 1993, p. 35). O autor defende que há uma singularidade em cada exposição oral de um texto (enfatizamos aqui a exposição do cordel) havendo assim uma variação quando este é exposto em outras realizações. Por “índice de oralidade”, Zumthor descreve “[...] tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação* [...]” (ZUMTHOR, 1993, p. 35).

Esse índice de oralidade, isto é, a particularidade na realização de cada leitor, nos direciona a sugerir que o professor não faça o uso do cordel de maneira silenciosa, mas que trabalhe com a leitura audível dos versos. Lê-los silenciosamente seria como “limitar seu poder de comunicação” como postula Alves (2013, p.39):

Uma consequência metodológica dessa marca do folheto deverá ser a de se buscar sempre, em situação de ensino, *dar-lhe voz*, testar maneiras diversas de realização oral e até de encenação. Restringir o folheto à leitura silenciosa –

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

como se faz com a poesia em geral – é limitar seu poder de comunicação, e, portanto, enfraquecer sua recepção.

A oralidade, por estar intrinsecamente ligada à literatura de cordel, permite um trabalho que envolva a leitura audível dos folhetos, onde se possa, inclusive, extrair uma musicalidade através da recitação dos versos. Dufrenne (1969, p.68), diz que “reconduzir a poesia às suas origens, [...], voltar ao momento da fala, em que o eu se empenha inteiramente, [...], é exatamente restituir à poesia a música imanente de que ela é capaz”.

Assim sendo, além de ser uma alternativa atrativa ao aluno, o trabalho de leitura e recitação cordelista também contribui no sentido de resgatar as origens do cordel, tendo o intuito de envolver os alunos, tanto de maneira a terem uma experiência que lhes possibilite entender como ocorriam as primeiras manifestações poéticas do mesmo, quanto de forma a poder envolver a musicalidade que os versos oferecem.

O desenvolvimento da oralidade pode ser avaliado de acordo com a afinidade que o aluno sente ao ter contato com os folhetos e lê-los de maneira mais envolvente. Bosi (2003, p.469) acredita que “se o leitor conseguir dar, em voz alta, o tom justo ao poema, ele terá feito uma boa interpretação, isto é, uma leitura ‘afinada’ com o espírito do texto”. Isso envolve a entonação e o ritmo, por exemplo.

A afinidade com o cordel se dará à medida em que os educandos forem lendo e se envolvendo de maneira a dar entonação aos versos, os quais carregam as marcas orais que lhes deram origem. O importante é que o professor possibilite aos alunos a oportunidade de terem essa experiência de leitura. “Do ponto de vista metodológico, um aspecto necessita ser sempre enfatizado: embora os folhetos sejam escritos, eles nasceram da oralidade – cantada ou recitada – e, portanto, precisam ter uma realização oral adequada.” (ALVES, 2013, p. 48).

Alves (2013, p.41), diz que “Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto *é para ser lido*. Ele pede voz.” O cordel tem essa característica de envolver o leitor através do ritmo e da musicalidade que ele demanda, por isso acreditamos na sua importante contribuição na sala de aula, esta sendo “[...] um espaço bastante adequado para a vivência de leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.” (ALVES, 2013, p.41).

Essas diferentes explanações do cordel fazem com que os alunos percebam a variação que cada apresentação demonstra, pois “[...] Duas leituras públicas não podem ser vocalmente





VII ENLIJE

idênticas nem, portanto, ser portadoras do mesmo sentido, mesmo que partam de igual tradição” (ZUMTHOR, 1993, p.143). Ou seja, mesmo que vários alunos leiam ou recitem o mesmo folheto, ambos terão algo diferente a acrescentar, o que também enriquece a apresentação do cordel.

Desse modo, afirmamos que muitas são as maneiras de se trabalhar com o cordel em sala de aula, a depender também da criatividade do professor. “A realização oral do poema – não só da vertente popular – revela facilmente a riqueza e amplitude da voz.” (ALVES, 2013, p.40). A cada realização oral de cordel pelos alunos, será possível haver uma ampliação de capacidades cognitivas que revelarão a amplitude da voz, bem como seu aperfeiçoamento.

Através desse aprimoramento oral, é de se esperar como consequência a melhoria no trato da linguagem, na comunicação e na maneira de se expressar. Alves (2013, p.40) diz que “No âmbito da literatura de folhetos, é preciso chamar a atenção para o fato de que essa literatura, [...], tinha na voz seu grande instrumento de comunicação e recepção.” Desse modo, a realização do cordel tem também uma função comunicativa e interacionista, beneficiando quem dela faz uso.

Portanto, acreditamos no uso da literatura de cordel na sala de aula como meio de aprimoramento da oralidade, pois ela possibilita uma relação de interação na realização do próprio texto poético. Através dessa proposta, o professor terá um subsídio eficaz para esse tipo de trabalho e os alunos poderão desenvolver suas habilidades orais, sua comunicação e, conseqüentemente, sua interação verbal na sociedade.

CONCLUSÕES

Diante da problemática com relação às práticas pedagógicas tidas como tradicionais, que por se deterem muito à escrita, acabam, muitas das vezes, não priorizando a oralidade, as quais resultam em uma insuficiência no desenvolvimento de competências orais e comunicativas nos alunos, este trabalho teve como objetivo apresentar como proposta didático-pedagógica a utilização da literatura de cordel como meio de aprimoramento da oralidade dos alunos, pois acreditamos que a utilização do cordel proporciona uma interação mediada pelo texto, à medida que são lidos e/ou recitados. Através dessa proposta, o professor terá um subsídio eficaz para esse tipo de trabalho e os alunos poderão desenvolver suas habilidades orais, bem como sua comunicação e, através disso, ampliar sua interação verbal na sociedade.





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. P. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI M. A.; REZENDE N. L. & JOVER-FALEIROS. R. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ARAÚJO, Maria Yvonne Atalécio de. **Experiências de linguagem oral na Escola Primária**. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1965.

BOSI, A. A interpretação da obra literária. In: **Céu, inferno**. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, 2003.

DUFRENNE, M. **O Poético**. Trad: L. A. Nunes & R. K. de Souza. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

